



Diplomacia contra grosseria de Milei

Depois da reação de ministros aos insultos do presidente argentino, Planalto orienta que integrantes do governo não revidem com críticas ofensivas. Intenção é preservar os canais institucionais entre as nações. Chefe de Estado do país vizinho volta a atacar Lula

» ARMANDO HOLANDA
» DANANDRA ROCHA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva não quer transformar o episódio envolvendo o presidente da Argentina, Javier Milei, em bate-boca com troca de agressões. Segundo interlocutores do governo, a orientação do Palácio do Planalto é evitar a escalada da crise, preservando os canais institucionais entre os dois países. A postura foi adotada após os ministros da Secretaria-Geral da Presidência, Guilherme Boulos, e da Fazenda, Dario Durigan, responderem com ofensas às declarações do chefe de Estado argentino, que xingou Lula de “presidiário” e “ladrão”, no sábado, durante a convenção do PL que confirmou Flávio Bolsonaro como candidato à Presidência. No evento, Milei também disparou contra o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), chamando-o de “lixo careca”.

Ontem, ao ser perguntado por jornalistas sobre as ofensas de Milei, Lula optou pela ironia: “Quem é esse cara?”, respondeu, no Palácio do Itamaraty, enquanto aguardava a chegada do presidente da Coreia do Sul, Lee Jae-Myung, com quem assinou contratos de parceria (**leia reportagem na página 8**).

Enquanto determina freio a seus ministros, Lula ordenou que a irritação do governo fosse comunicada de forma clara a Buenos Aires, diante da avaliação de que ataques dessa natureza, vindos de um país vizinho e principal parceiro do Brasil no Mercosul, acabam afetando a relação política e econômica na região.

Na noite de domingo, o governo brasileiro recebeu o embaixador da Argentina no Brasil, Daniel Raimondi, em reunião no Palácio do Itamaraty, para formalizar a insatisfação com as declarações de Milei. A intenção do Planalto é que o

Ministério das Relações Exteriores conduza a resposta oficial. Tanto que, enquanto Lula evitou comentar publicamente as declarações de Milei, o chanceler, Mauro Vieira, comunicou ao representante argentino o descontentamento do Brasil com os ataques.

O encontro ocorreu após o Itamaraty convocar formalmente Raimondi para cobrar esclarecimentos. Na avaliação do Ministério das Relações Exteriores, trata-se de um episódio sem precedentes na história da relação bilateral, uma vez que um chefe de Estado utilizou uma visita ao país para atacar o presidente da República, o Poder Judiciário e as instituições democráticas brasileiras.

“Não há precedentes de um presidente estrangeiro que, em território nacional, enfeixe agressões e ofensas ao chefe de Estado, às instituições democráticas, inclusive ao Poder Judiciário, e ao povo brasileiro. É especialmente lamentável que esse episódio infamante envolva o presidente de um país com que o Brasil mantém 203 anos de amizade e cooperação e que tem, no Brasil, o seu principal sócio comercial”, afirmou o MRE.

Consultas

Além da convocação do embaixador argentino, Mauro Vieira determinou o retorno do embaixador do Brasil em Buenos Aires, Julio Bittelli, para consultas em Brasília, medida reservada a momentos de desgaste diplomático. Ele deve se reunir com o chanceler a partir de amanhã.

Antes da manifestação oficial do Itamaraty, o ministro da Fazenda, Dario Durigan, já havia criticado publicamente a postura de Milei. Sem mencionar diretamente a crise diplomática, o titular da pasta afirmou que o presidente argentino “prefere o conflito à cooperação”, e defendeu que a integração regional deve ser construída por meio

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Questionado sobre as ofensas do presidente argentino, Lula reagiu com ironia: “Quem é esse cara?”

do diálogo e do respeito entre os países, sinalizando o incômodo do governo brasileiro com a postura adotada por Buenos Aires.

“O palhaço do presidente da Argentina veio ao Brasil ontem e falou do Brasil, quando o risco-país da Argentina é muito mais alto, a dívida pública é muito mais alta, a inflação é muito mais alta”, disse Durigan em entrevista a uma rádio.

Por sua vez, o ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Guilherme Boulos, postou nas redes sociais que “ninguém leva a sério Javier Milei”. “Não apenas por ser uma caricatura patética, que envergonha o cargo que ocupa. Mas, acima de tudo, por ser um puxa-saco de Trump.

E todos sabem que há quem use e aplauda os puxa-sacos, mas definitivamente não há quem os respeite”, acrescentou.

Novas ofensivas

Ontem, Milei voltou ao ataque. Ele compartilhou postagens de apoiadores com críticas e acusações contra Lula, como a de que o brasileiro tentou interferir nas eleições argentinas e sobre a visita dele à ex-presidente Cristina Kirchner, que cumpre prisão domiciliar, após ser condenada por corrupção.

Em entrevista à Rádio Mitre, Milei ainda acusou o governo brasileiro de financiar uma

“campanha antiargentina”, e repetiu ataques a Lula.

Por sua vez, o chefe da Casa Civil de Milei, Diego Santilli, afirmou, ao canal *La Nación*+, que a reação brasileira foi desproporcional. “Não exagerem”, disse, ao comentar a convocação do embaixador brasileiro e o pedido de esclarecimentos ao representante diplomático argentino.

Santilli acusou pessoas ligadas ao PT de terem participado da campanha presidencial argentina de 2023 em favor do então candidato peronista Sergio Massa. “Vieram aqui, fizeram campanha, fizeram de tudo. O gabinete de Lula disse barbaridades sobre o presidente e sobre a Justiça argentina”, afirmou.

Deu no

Página 12

O diário argentino colocou na manchete a palavra “Vergonha”, com uma foto de Milei e de Lula. Destacou que a crise diplomática com o Brasil é a mais profunda desde a volta da democracia e ressaltou que foi deflagrada pelos insultos do presidente argentino ao chefe de Estado brasileiro e a um ministro do Supremo.

Clarín

O diário argentino colocou na manchete: “Protesto do Brasil contra os insultos de Milei a Lula”. O jornal disse que o governo brasileiro convocou o embaixador argentino.

LA NACION

O jornal argentino informou que o governo de Milei não pretende pedir desculpas a Lula, e que, segundo fontes ouvidas pelo diário, o silêncio seria uma forma de esfriar a crise. Fontes diplomáticas argentinas avaliam que o desgaste não deve se aprofundar, diante da proximidade da eleição brasileira.

REUTERS

A agência informou que o governo brasileiro tratou as falas como uma “afronta direta” e destacou que Milei não buscou contato com o governo brasileiro em nenhuma das viagens que fez ao país, já que a relação entre os dois é “praticamente inexistente”.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Aliado a Rubio, Milei e Netanyahu, Flávio dobra aposta na crise externa

Flávio Bolsonaro transformou a convenção que oficializou sua candidatura à Presidência numa tribuna para líderes estrangeiros atacarem o governo brasileiro e o Supremo Tribunal Federal (STF). Dobrou uma aposta de alto risco na crise externa. O candidato do PL se apresenta como representante nacional de uma onda conservadora internacional, mas fomenta a deterioração das relações diplomáticas e comerciais do Brasil com Estados Unidos, Argentina e Israel.

A operação pode até mobilizar o eleitorado bolsonarista mais radical, porém ameaça interesses econômicos do país e expõe Flávio à acusação de colocar a estratégia eleitoral de sua família acima do interesse nacional. Convidado de honra da convenção do PL, em São Paulo, o presidente argentino Javier Milei chamou

o presidente Luiz Inácio Lula da Silva de “ladrão” e “presidiário” e dirigiu ao ministro Alexandre de Moraes uma ofensa incompatível com o cargo que ocupa: “Lixo careca”.

Foi um discurso truculento, realizado num evento partidário brasileiro. Por isso, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, classificou a manifestação como interferência nos assuntos internos do Brasil e uma agressão ao Executivo, ao Judiciário, ao Congresso e ao povo brasileiro. Lula tentou tirar por menos: “Eu? Quem é esse cara?”, mas a reação de alguns ministros foi no mesmo diapasão. O titular da Fazenda, Dario Durigan, abandonou o estilo diplomático e chamou Milei de “palhaço”.

Essa escalada verbal não interessa aos dois países. Brasil e Argentina construíram, desde o governo José

Sarney, uma parceria que permitiu superar a antiga rivalidade estratégica, criar o Mercosul e integrar cadeias produtivas fundamentais, principalmente na indústria automobilística. A Argentina é o terceiro maior destino das exportações brasileiras. Pelos dados apresentados, comprou US\$ 9,12 bilhões em produtos do Brasil, atrás apenas da China, com US\$ 47,68 bilhões, e dos Estados Unidos, com US\$ 20,02 bilhões.

A pauta destinada à China é concentrada em commodities, sobretudo soja, petróleo e minério de ferro. Estados Unidos e Argentina absorvem uma parcela proporcionalmente maior de bens industrializados, de maior valor agregado e com capacidade de gerar empregos qualificados no Brasil. Automóveis, autopeças, máquinas, equipamentos

elétricos, produtos químicos, aeronaves, combustíveis processados e outros manufaturados ocupam espaço relevante nas vendas aos mercados norte-americano e argentino. A retração das exportações pode reduzir a produção industrial, interromper cadeias de fornecedores, adiar investimentos, afetar a arrecadação e eliminar empregos.

Eixo de alianças

A presença de Milei na convenção não foi um caso isolado, reflete o eixo das alianças internacionais de Flávio Bolsonaro, ao lado da mensagem de Benjamin Netanyahu exibida no evento e da atuação do secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio. As relações entre Brasil e Israel chegaram ao nível mais baixo desde 1949. Os dois países deixaram suas representações sob encargo de negócios, sem embaixadores. Ao gravar uma mensagem para a convenção do PL, o primeiro-ministro israelense ingressou diretamente

no ambiente eleitoral brasileiro e reforçou a identificação do bolsonarismo com seu governo.

Forma-se uma conexão internacional de extrema-direita: Milei representa o ultraliberalismo econômico e a guerra cultural contra a esquerda; Netanyahu é um senhor da guerra marcado pela prolongada ofensiva militar em Gaza; e Rubio executa uma política externa voltada para conter a expansão chinesa e alinhar governos da América do Sul às prioridades de Washington.

Com os Estados Unidos, o problema é economicamente mais grave. A imposição de tarifas pelo governo Donald Trump já interferiu na eleição brasileira e atingiu setores exportadores. Rubio tornou-se um dos principais formuladores dessa pressão, associando medidas diplomáticas, comerciais e políticas a críticas ao Supremo e aos processos contra Jair Bolsonaro.

Flávio procura transformar essa ofensiva numa prova de que Lula isolou o país. O efeito pode

ser aumentar as tensões com dois dos três maiores compradores dos produtos brasileiros, ampliar a insegurança dos empresários e criar dificuldades para os setores industriais. Uma ruptura mais profunda elevaria custos, pressionaria preços e prejudicaria a renda e o emprego.

O eventual desgaste do governo seria pago pela população. Flávio aposta que uma crise econômica poderá ser atribuída a Lula e convertida em votos para a oposição. É uma operação semelhante à realizada anteriormente por setores bolsonaristas nos Estados Unidos, ao defenderem punições contra autoridades brasileiras na expectativa de constrianger o Supremo e favorecer Jair Bolsonaro. O problema é que sanções e tarifas não atingem apenas governos: atingem produtores, trabalhadores, exportadores e consumidores. Quando uma candidatura depende do agravamento das dificuldades do próprio país, a fronteira entre oposição legítima e sabotagem do interesse nacional deixa de ser uma narrativa eleitoral.